

CORPO NOSSO DE CADA DIA: POR ONDE ELE ANDA, PARA ONDE ELE VAI?

Alex Branco Fraga¹

Resumo

Nesse texto procuro abordar o corpo nosso de cada dia, e suas perspectivas futuras, como uma produção cultural com roteiros históricos distintos; um resultado provisório de diversos discursos e produto de uma sofisticada tecnologia corporal. Procuro, também, questionar como a educação física, sustentada em uma visão utilitária e essencialista, vem ajudando a constituir nossas anatomias e nossas subjetividades em um tempo de tantas transformações culturais.

Abstract

Through this text I intend to broach our everyday body, and its future perspectives, as a cultural production with distinct historical itineraries; a provisional result of diverse discourses and product of a sophisticated corporal technology. Also, I try to put in question how the physical education, supported by a utilitarian and essentialist vision, has been helping to build our anatomies and our subjectivities in a time of so many cultural transformations.

Quero romper com meu corpo,
Quero enfrentá-lo, acusá-lo,
por abolir minha essência,
mas ele sequer me escuta
e vai pelo lado oposto.
(Carlos Drummond de Andrade)

Qualquer contribuição a respeito do corpo nosso de cada dia, bem como de suas perspectivas futuras, precisa centrar suas atenções em alguns momentos do processo de formação de determinadas concepções sobre corpo. Além disso, julgo também importante apontar como a educação física, articulada a essas mesmas concepções, constituiu (e vêm constituindo) nossas anatomias e nossas subjetividades. Dito de outro modo, é preciso analisar como o corpo se tornou um elemento tão significativo na nossa cultura e não simplesmente analisar seu funcionamento orgânico.

Há algum tempo o espetáculo anatômico, nas suas mais diferentes versões, vem impulsionando os índices de audiência na mídia brasileira. Essa farta exposição de corpos não é apenas consequência direta de um modismo que está em voga, mas produto da insistência com que o corpo vem sendo (re)pensado e (re)considerado por filósofos, cientistas, educadores, historiadores, sexólogos, artistas; e do modo como ele vem sendo reconstituído por um instrumental complexo e cada vez mais diversificado.

Cada época investe diferentemente sobre os corpos, construindo normas e condutas que estão ligadas ao imaginário social que as tornaram possíveis. No século XVII, os procedimentos de poder disciplinar edificaram o corpo como uma máquina, uma engrenagem capaz de produzir energia com eficiência e economia, dando maior funcionalidade à anatomia humana. Na medida em que o corpo era visto como um conjunto mecânico, tornava-se possível endireitá-lo a partir de preceitos médicos e princípios estéticos vigentes. Nesse período acreditava-se que as deformidades morfológicas eram provocadas por complicações ósseo-articulares passíveis de correção. Para ajustá-las à simetria desejada, era preciso imobilizar o corpo para que este pudesse receber a pressão de uma aparelhagem reparadora.

Para Georges Vigarello (1995) foi a partir desse imaginário social que surgiu uma série de aparelhos destinados a correção de desvios posturais: tutores, cruces de ferro, espartilhos, alavancas de distensão corporal, etc. Estes instrumentos não só centravam seus esforços na erradicação de um mal já instalado como também na prevenção de futuras deformidades.

Por volta da segunda metade do século XVIII essa lógica corretiva vai se inverter e centrar no arcabouço muscular a origem da fragilidade orgânica. O corpo é chamado à ação e colocado no lugar de instrumento de sua própria correção. De condenado à imobilidade passa a uma mobilidade regrada, dentro de uma lógica de atuação

¹ Universidade Federal do Paraná.

dinâmica onde “não é mais o corpo que recebe uma pressão, é ele que a exerce” (Vigarello, 1995, p. 29). Nesse sentido, além das morfologias, a motricidade também é colocada no molde.

Mas, para que tal inversão nos procedimentos corretores se tornasse efetiva, foi necessária a regulação moral de determinados movimentos, em função dos benefícios/malefícios ao organismo. Dentro dessa lógica, vai se aplicar sobre o espaço muscular o princípio do treinamento físico, onde o próprio corpo se repara, se educa e até mesmo se fabrica (Certeau, 1996).

É dentro dessa pedagogia corretiva que a ginástica vai se estruturar, estabelecendo um princípio de racionalidade ao movimento, que vai necessariamente se distanciando dos gestos cotidianos considerados inúteis. A retidão do corpo e a rigidez do porte compõe as metas da ginástica racional do início do século XIX, milimetricamente afastadas da gestualidade dos artistas circenses, tida como nefasta ao caráter utilitário dos exercícios físicos e aos pressupostos higienistas/eugenistas emergentes neste período (Soares, 1998). Nesta perspectiva, os exercícios ginásticos vão ser apresentados como um poderoso instrumento modelador das formas e agente de ordenação dos “corpos promíscuos”, efetivando uma dupla função: o controle individual e a regulação da espécie.

Assim, o investimento sobre os exercícios constitui-se, historicamente, em peça chave para o disciplinamento e regulação do corpo jovem, pois era preciso preservá-los/as, principalmente da “volúpia” e da “incontinência sexual”, ou seja, mais do que uma boa postura, era preciso adquirir boas maneiras.

Nessa articulação copóreo-moral, a ação morfogênica dos exercícios físicos teria a força de imprimir consistência orgânica ao efeito outrora produzido pelos tutores, cruces de ferro e espartilhos².

Do ajuste de diferentes morfologias e motricidades, que davam visibilidade a um corpo padrão, passamos a uma multiplicidade de corpos. O investimento, antes concentrado na redução das deformidades ósseo-articulares e na ampliação da funcionalidade orgânica, torna-se disperso, dando visibilidade a múltiplas identidades culturais³, que produzem suas marcas corporais. Aqui a distinção não se encontra apenas na retidão da postura ou na musculatura bem delineada, mas na incorporação de estilos de vida que nos identificam com os grupos a que pertencemos.

Com base nesses argumentos, é possível dizer que o corpo entendido como uma unidade coerente, paradoxalmente material e transcendente, não existe mais (ou talvez nunca tenha existido!); é uma produção cultural com roteiros históricos distintos; é um resultado sempre provisório de diversos discursos; é sempre atravessado por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, que vão além de sua condição fisiológica.

Alma, mente, energia vital, inconsciente, genes há muito tempo vêm buscando, a partir de estratégias diferentes, fixar seus sentidos na “dissecação” das entranhas do corpo e na estruturação da linguagem sobre uma origem binária. No entanto, a reconfiguração do corpo contemporâneo desestabiliza convicções científicas, filosóficas e religiosas sobre a vida e a morte, gerando posicionamentos aparentemente desconexos frente a situações até bem pouco tempo improváveis: órgãos alheios que habitam novos corpos, próteses que recompõe funções orgânicas, musculatura quimicamente desenvolvida, cadáveres plastificados e corpos sem órgãos acentuam a crise da polaridade do pensamento moderno, tão arraigada à gramática⁴ do nosso cotidiano. Talvez seja pertinente “incorporar” outras nomenclaturas: quimeras, híbridos, ciborgues⁵... Espécimes de diferentes dimensões que se contrapõe a qualquer possibilidade de realização (tornar “real”) do sujeito moderno – este que sempre foi pressuposto fundamental de qualquer processo educativo.

Estas questões não se encontram apenas no plano da ficção e nem se tratam de uma promessa perdida em algum ponto futuro. Para Donna Haraway (2000), aquilo que ela chama de era do ciborgue, do pós-humano, ocorre aqui e agora, mas não se refere simplesmente a quantidade de próteses e microchips que nosso corpo possa ter – vai muito além; envolve a parafernália tecnológica que impulsiona a indústria da “malhação”, constituída a partir da idéia do corpo como uma máquina de alta performance. “A tecnologia não é neutra. Estamos dentro

² Exploro mais detalhadamente essas articulações entre imaginário social e práticas corporais no livro “Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada” (Fraga, 2000).

³ A identidade cultural é algo cambiante, nunca fixado plenamente e, tão pouco, atrelado a alguma essência interior. Conforme Stuart Hall, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (1997, p.12-3).

⁴ Para Wittgenstein a gramática não é apenas a sintaxe, mas todas as regras que governam o uso das palavras, inclusive aquelas que fixam seu significados (Hacker, 2000, p.21).

⁵ Conforme Donna Haraway, 2000.

daquilo que fazemos e aquilo que fazemos está dentro de nós. Vivemos em um mundo de conexões – e é importante saber quem é que é feito e desfeito” (Haraway, *apud*, Kunzru, 2000, p. 36).

Por isso, conforme Nikolas Rose (1996), faz cada vez menos sentido analisar “o corpo” como uma unidade isolada, e cada vez mais sentido falar das ligações que são estabelecidas entre superfícies, forças e energias particulares que compõe as tecnologias corporais. Ou seja, passa a ser importante abordar o processo pelo qual nós nos tornamos o que somos.

Mas, o que tudo isso tem a ver com o cotidiano da educação física? Bem, poderíamos começar respondendo que há um número considerável de crianças que usam cadeiras de roda em nossas aulas, que há crianças transplantadas que participam de atividades físicas, crianças que têm próteses, que utilizam aparelhos de correção postural, enfim, que existem alguns sujeitos que materializam os avanços científicos e tecnológicos em seus corpos e, além disso, vão às escolas. Portanto, não são crianças abstratas, elas existem e estão no meio de nós. Porém, essa argumentação de sentido utilitarista reduz a discussão para o campo da adequação *biopsicossocial* de sujeitos “desviantes” e, também, acaba levando em consideração apenas os procedimentos de ajuste à norma física e à estética padrão, ou seja, leva-nos, mais uma vez, a uma busca equivocada de práticas “eficazes” para o tratamento dessas “aberrações orgânicas” – algo que não é novo para a educação física.

Este talvez seja um bom ponto de partida para a condução das aulas junto a acadêmicos/as dos cursos de licenciatura em educação física. Investigações que apontem a centralidade do corpo na cultura contemporânea, através da análise de como a mídia, o cinema, a literatura, as propagandas e outros meios vêm abordando a robótica, genética, anabolizantes, transgênicos, clonagem etc., para, então, tentar entender as perspectivas da educação física nesse cenário: corpos virtuais, produção de atletas geneticamente perfeitos, precisão tecnológica nos resultados esportivos – um quadro paradoxalmente estranho e aparentemente inevitável.

Sem dúvida são questões complexas, pois elas não só desestabilizam nosso trabalho cotidiano, como também nossas crenças sobre uma série de pressupostos científicos e filosóficos que vêm sustentando a nossa intervenção na educação física e na sociedade. Além disso, ao mesmo tempo em que alguns grupos vêm suas possibilidades cada vez mais ampliadas em meio a todos esses avanços, há também um enorme contingente de pessoas que provavelmente continuarão tendo acesso apenas às migalhas dessa tecnologia – algo que acaba implicando novas formas de controle e regulação social, mas a partir de velhas hierarquias.

É por aí que o corpo/quimera/ciborgue nosso de cada dia vem andando, nesse traçado indeterminado, nesse território em conflito. Não há certezas e nem destinos. Há, isto sim, fortes indícios de que as fronteiras natural/artificial, orgânico/inorgânico, edificadas e sustentadas pelo pensamento moderno, vêm desmoronando e dificilmente poderão ser reerguidas sobre as mesmas bases.

Portanto, talvez seja produtivo pensar a educação física a partir dessas ruínas.

Referências Bibliográficas

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HACKER, P.M.S. *Wittgenstein: sobre a natureza humana*. São Paulo: UNESP, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Antropologia Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 37-129.
- KUNZRU, Hari. “Você é um ciborgue”: um encontro com Donna Haraway. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Antropologia Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 37-129.
- ROSE, Nikolas. *Inventing our selves. Psychology, power, and personhood*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- VIGARELLO, George. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: SANT’ANNA, Denise B. de (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 21-38.